

Review

Author(s): Adilson Odair Citelli

Review by: Adilson Odair Citelli

Source: *Luso-Brazilian Review*, Vol. 36, No. 1 (Summer, 1999), pp. 147-148

Published by: [University of Wisconsin Press](#)

Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/3514003>

Accessed: 22-10-2015 12:00 UTC

Your use of the JSTOR archive indicates your acceptance of the Terms & Conditions of Use, available at <http://www.jstor.org/page/info/about/policies/terms.jsp>

JSTOR is a not-for-profit service that helps scholars, researchers, and students discover, use, and build upon a wide range of content in a trusted digital archive. We use information technology and tools to increase productivity and facilitate new forms of scholarship. For more information about JSTOR, please contact support@jstor.org.



University of Wisconsin Press is collaborating with JSTOR to digitize, preserve and extend access to *Luso-Brazilian Review*.

<http://www.jstor.org>

ways in which naturalist ideology uncovers divisions, ruptures and discontinuities. The voices of the characters emanating from the pages of these five novels are as audible today as they were a century ago. Their messages evoke the resistance of intellectuals from the periphery who saw a desperate need to reconstitute the many fractured identities in danger of being written out of the nation's history. Finally, and more importantly, as Bueno masterfully demonstrates, their disparate voices serve as one more reminder that the *idea* of Brazil can best be understood as an acculturated entity that no one group can best represent.

Peggy Sharpe
University of Illinois

Brait, Beth, org. *O sertão e os Sertões*. São Paulo: Arte & Ciência, 1998. 122 pp.

Para Antonio Candido

Um dos aspectos marcantes na tradição literária brasileira é o da constituição do espaço sertanejo. Ficcionalistas como José de Alencar, Taunay, Afonso Arinos, e Graciliano Ramos são exemplos de como em vários momentos e sob distintas concepções buscou-se compor as imagens do sertão e de sua gente. O termo sertão pode ser associado, em sua dimensão física, às regiões agrestes do país, distantes dos núcleos urbanos costeiros, marcadas por populações rarefeitas, onde predomina a criação de gado e subsistem tradições e costumes mais antigos.

Foi neste contexto físico, antropológico e econômico que os dois autores objetos desta coletânea intitulada *O sertão e os Sertões*, Euclides da Cunha e João Guimarães Rosa, elaboraram o fundamental de seus livros. O primeiro escrevendo uma obra onde se misturam história e ficção, mas, particularmente, sobrelevada pela dimensão épica e pelo desejo de revelar ao Brasil o drama da nacionalidade dividida. Em *Os sertões*, publicado em 1902, Euclides da Cunha iria mostrar ao país a violência e o genocídio praticado pelo exército e pela nascente República "civilizadora" contra quase vinte mil sertanejos que viviam no interior da Bahia, em Canudos. O segundo, tanto no romance fundamental *Grande Sertão: Veredas*, de 1956, como nos inúmeros contos escritos ao longo de quase três décadas de produção literária, reaviva as imagens do sertão e do sertanejo dando a eles dimensão universal, complexificando os dramas humanos dos homens simples, recuperando na saga guerreira dos jagunços, na morte e na violência, nos afetos reconfigurados, nas paixões humanas muitas vezes tão fortes como incompreensíveis, nos enigmas propostos como salvação ou morte, na poesia que irrompe da natureza, uma civilização que o barulho das máquinas, do pregão das bolsas, do corre-corre das grandes cidades ainda não conseguiu obliterar.

Estes e outros temas reaparecem nos cinco ensaios que compõem o volume de *O sertão e os Sertões*, dedicados três a Euclides da Cunha e dois a João Guimarães Rosa. Os textos foram escritos, respectivamente, por João Roberto Faria, "Os sertões: Um livro vingador"; Valentim Aparecido Fiacoli, "Euclides da Cunha: Consórcio de ciência e arte (Canudos: o sertão em delírio)"; Roberto Ventura, "Visões do deserto: Selva e sertão em Euclides da Cunha"; Flávio Wolf Aguiar, "O oco do mundo"; e Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos, "Outras trilhas". Este conjunto de textos expressa, como lembra a organizadora do volume, Beth Brait, "pontos de vista sobre os dois escritores, analisando e interpretando com acuidade aspectos expressivos da literatura de cada um e do papel representado por eles

na cultura brasileira” (14). E acrescentaríamos, os trabalhos buscam estratégias compositivas que ora caminham no sentido dos painéis mais amplos acerca dos escritores, em andamentos diacrônicos onde são acentuadas influências teóricas e vinculações ideológicas, ora dedicam-se a análises localizadas tentando apreender singularidades temáticas ou sugestões poéticas. O procedimento resulta numa dialética estimulante sendo possível acompanhar o jogo entre as inquietações doutrinárias e os desafios de uma escritura oscilante entre a ciência e a arte, caso de Euclides da Cunha, ou reconhecer determinados matizes mitopoéticos que costuram a arquitetura do texto roseano de *Grande sertão: Veredas*, e mesmo do conto “Uma estória de amor”, objeto de análise do último ensaio da coletânea.

Apesar das diferenças de enfoques e interesses quanto à matéria em análise, os textos aqui reunidos apresentam um termo comum, espécie de linha de força que os unifica, dando à obra unidade natural: a preocupação em compreender como o sertão e o sertanejo ganham densidade histórica e literária em dois dos mais importantes escritores brasileiros. E isto através da recuperação dos dramas humanos gerados pela tragédia de Canudos, pelas transfigurações mitopoéticas dos seres, do tempo e do espaço dos sertões, pelo acompanhamento das passagens do mundo urbano ao mundo rural e vice-versa, para fixarmos algumas das linhas de continuidade encontradas nos diferentes ensaios. Através do conjunto interpretativo posto no livro em discussão reatualiza-se uma idéia chave para se pensar o Brasil, a de que, conforme Guimarães Rosa, “O sertão está em toda parte e vive dentro da gente”.

Adilson Odair Citelli
Universidade de São Paulo

Bethell, Leslie, ed. *A Cultural History of Latin America: Literature, Music and the Visual Arts in the 19th and 20th Centuries*. The Cambridge History of Latin America 7. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. 538pp.

The latest volume of Leslie Bethell’s *The Cambridge History of Latin America* series is undoubtedly this series’ most ambitious endeavor to date, encompassing two centuries, all of Latin America, and numerous forms of cultural expression. With individual chapters covering narrative, poetry, indigenous literatures, music, architecture, art and cinema, it is amazing that this history manages to fit into a single volume. Furthermore, it is certainly a welcome reference given that the book which comes closest to covering a similar scope, Jean Franco’s *The Modern Culture of Latin America: Society and the Artist*, was largely written in the 1960’s.

While this volume will quickly become an important source of information for students of Latin American culture, and its interdisciplinary approach is a particular attraction, its precise epistemological design, unfortunately, is not easy to discern. Any attempt to gather together so much material from diverse fields, epochs, regions and languages is bound to raise some troubling questions; and since this history is not written by a single author, but is an anthology of ten essays by seven different authors, the project is inevitably unwieldy. Unfortunately, the absence of an editor’s introduction leaves many questions unanswered.

For example, the volume encompasses quite a broad range of genres of cultural production, but it is by no means all inclusive. Theater, performance, the essay, the journalistic *crônica*, dance, television, literature in translation are all categories of cultural production largely ignored by the volume. Literature, in fact, seems to carry a